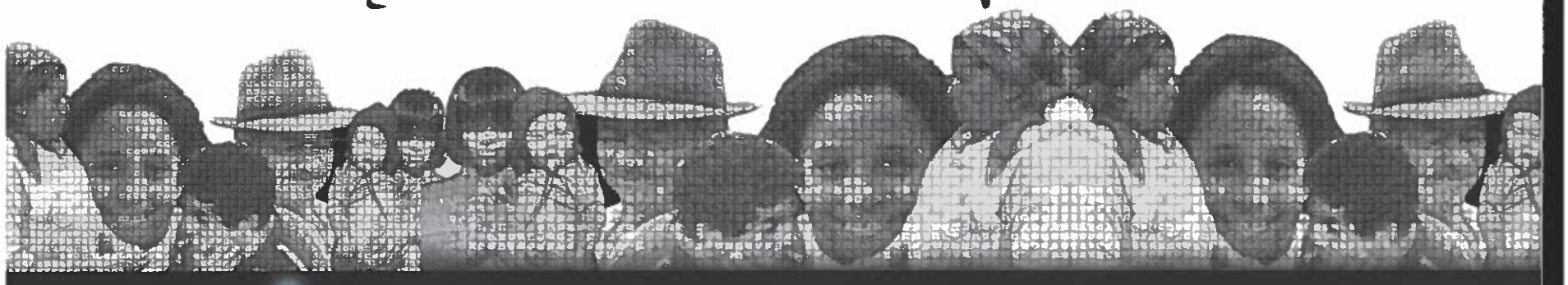
Publicação do Conselho Regional de Psicologia CRP - 07

entre Linhas

Janeiro/Fevereiro 2002 Nº12 ANO II

FORA DOS CONSULTÓRIOS

Psicólogos no acolhimento do Centro de Testagem e Aconselhamento para HIV



II FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

Um encontro *pela diversidade*

Os Conselhos de Psicologia promovem oficinas no II Fórum Social Mundial, que será realizado em Porto Alegre a partir do final de janeiro

Propostas da APAF envolvem diretrizes curriculares, avaliação psicológica e registro de especialistas

editorial

Uma luta maior

Saímos de 2001! Um ano peculiar com certeza, um ano que nos fez questionar que mundo é este em que vivemos. Um mundo em que 11 de setembro marcou o que já estava latente, tornando manifesta a luta pelo poder e trazendo aos olhos de todos a segregação, o racismo e a desigualdade.

Por outro lado, também foi o ano de uma luta maior, que visou à superação das condições de injustiças sociais. É uma luta que inscreve nesta mesma sociedade, de forma mundial, que "UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL". Em 2001 tivemos em Porto Alegre a junção de muitos povos, raças e etnias que acreditam que há, ainda, muito por fazer, por construir, em meio a tanta adversidade.

Assim, rumo a 2002, participando ativamente da construção do II Fórum Social Mundial, queremos deixar a todos nossa reflexão, através de mais uma edição do EntreLinhas. Com certeza manifestamos, mesmo que parcialmente, a luta deste grupo que, junto a muitos outros que não estão expressos aqui, mas que ao lerem, ou discutirem conosco, ou ainda acreditando no que estamos construindo, também fazem parte desta grande frente.

Queremos desejar a todos um grande novo ano, durante o qual a realização de muitos projetos e conquistas seja possível.

Gestão Inserção

Visite o site do CRP 07



e deixe sua opinião no fórum de debates sobre avaliação psicológica. O CRP agradece a todos que participaram até o momento e espera novas contribuições. É importante saber o que a categoria pensa sobre um assunto tão importante para o dia-a-dia de todos.

Gestão Inserção

- Andréa Giesen Lompa
- Carla Garcia Bottega
- Carla Mariela Carriconde Tomasi
- Célia Angelina Trevisi do Nascimento
- Cristina Armani Madeira
- Dóris Noronha
- Gisele Silva Sanches
- Janice Castilhos Gomes
- Liliana Santos
- Mara Cristina Kozorosky Almeida
- Maria Anastasie de Castro Cortês
- Maria Cristina Carvalho da Silva
- Maria da Graça Corrêa Jacques
- Mylène Geiger
- Ruy Dias Gigante
- Simone Poester Schmidt
- Tatiana Cardoso Baierle
- Vera Elizabeth Verissimo

Diretoria

- Presidente: Andréa Giesen Lompa
- Vice-presidente: Carla Garcia Bottega
- Secretária: Carla Mariela Carriconde Tomasi
- Tesoureira: Tatiana Cardoso Baierle

Comissão de Comunicação

- Andréa Giesen Lompa
- Mylène Geiger
- Vera Elizabeth Verissimo
- Walter Firmo de Oliveira-Cruz

entre Linhas

Conselho de Psicologia do Rio Grande do Sul / CRP-07

Sede
Av. Osvaldo Aranha, 1423 – sala 102
90035.191 – Porto Alegre/RS
Telefone/Fax: (51) 3335.1838
3330.3458
E-mail: crp07@crp07.org.br
Site: www.crp07.org.br

Seção da Serra (aguarde novo endereço na próxima edição)
Informações no CRP-07 (Telefone/Fax: 51 3335.1838 3330.3458)

Seção Sul
Rua Félix da Cunha, 772/304
96.010-000 – Pelotas/RS –
Telefone (53) 227.4197
Representante: Giovani Cantarelli

- Os artigos publicados com assinatura são de inteira responsabilidade do autor e não traduzem, necessariamente, a opinião do Conselho Regional de Psicologia.

- Cartas, artigos e outras manifestações devem ser encaminhadas à Comissão de Comunicação. Os artigos devem ter, no máximo, 35 linhas. Por questão de espaço, as cartas podem ser resumidas.

Edição e textos: Mônica Kanitz (MTb 8103)
Design gráfico: Clô Barcellos/Libretos
Impressão: Pallotti
Tiragem: 7 mil exemplares
Peridiocidade: bimestral
Distribuição gratuita

Foco dos consultórios

CTA

Um espaço de acolhimento e prevenção

Há muito que a Aids deixou de ser uma realidade que somente diz respeito a uma pequena parcela da população ou a um determinado grupo de risco. Nos últimos tempos, o vírus HIV tem variado em suas formas de transmissão e hoje já atinge grupos populacionais cada vez mais diversos, desde crianças recém nascidas até idosos. Ou seja, ninguém está livre de se integrar às estatísticas e, por isso, é cada dia mais necessária a estruturação de programas de prevenção e de assistência aos indivíduos que contraíram o HIV.

O CTA (Centro de Testagem e Aconselhamento para HIV – Paulo César Bonfim) é mais uma iniciativa que vem se somar à esta luta do Ministério da Saúde pelo controle das doenças sexualmente transmissíveis, incluindo aí a Aids. Assim como o Programa de Redução de Danos (PRD), apresentado na edição anterior do EntreLinhas, o CTA integra a Política de DSTAids da Prefeitura de Porto Alegre, a partir das diretrizes da coordenação nacional. E, assim como no PRD, o CTA tem nos psicólogos uma peça fundamental de sua estrutura.

Implementado em Porto Alegre no ano de 1994, o serviço tem como objetivo oferecer, gratuitamente, testagens de HIV, e também prestar orientação e aconselhamento às pessoas que buscaram o serviço. Na capital gaúcha, entretanto, a proposta vai além desta estrutura. "Nosso objetivo maior é o acolhimento. O que realmente marca o nosso serviço é ser sempre uma porta aberta, um espaço de escuta disponível para quem precisar, para atender demandas relacionadas ao universo da Aids. A partir daí avaliamos o que a pessoa precisa mais, de que tipo de atendimento ela se beneficiaria, no que poderia ser ajudada", explica Cláudia Formoso, psicóloga do CTA.

Cláudia está na equipe desde o início do programa, em 1994. Atualmente, ela divide o trabalho com mais três psicólogas, três estagiárias de psicologia e uma assistente social, que responde pela coordenação do grupo. São estas oito profissionais que, diariamente, dão acolhimento às pessoas que buscam o CTA para esclarecer suas dúvidas em relação ao HIV ou se certificar de uma possível contaminação. Antes da testagem, oferecida todos os dias no começo da manhã e da tarde (9h e 13hs), elas encontram estas pessoas num aconselhamento coletivo ("palestra"), durante o qual explicam como será o teste, o que é Aids, quais suas formas de prevenção, qual é a contextualização desta epidemia e os fatores de vulnerabilidade. Após o resultado do teste, que sai num período de 15 dias úteis, as psicólogas reencontram os integrantes daquele grupo que se formou para a "palestra", mas desta vez individualmente.

Cerca de 400 pessoas procuram o CTA mensalmente para fazer o teste de HIV. E cada uma é diferente da outra, encara o processo de uma determinada maneira, tem uma idéia própria do que é a Aids. São particularidades que, aos poucos, fizeram a equipe criar novos serviços relacionados à proposta do CTA. "São atividades como a psicoterapia individual, grupos de auto-ajuda no qual os participantes são soropositivos e, atualmente, estamos efetivando o atendimento a dependentes químicos soropositivos", ressalta Cláudia. Ela também destaca que o programa não se desvia, em momento algum, da problemática do HIV, e que um dos objetivos principais ao qual a equipe se propõe é a promoção da qualidade da vida entre as pessoas. "Se for preciso, prestamos esclarecimentos também por telefone. Muitos ligam para obter informações, estão preocupados, muitas vezes sem coragem para fazer o teste. E sempre terá alguém do CTA disponível para atender", acrescenta a psicóloga Mirian Weber, também integrante da equipe. Ela ainda destaca que o programa oferece o encaminhamento para assistência médica e interage com outros profissionais da área da saúde. "Sistematicamente fazemos um treinamento com o pessoal que atende portadores do HIV em outras instituições no sentido de capacitá-los, sensibilizá-los para este atendimento que fazemos aqui. Felizmente, a política de Aids tem verba para financiar este tipo de atividade e também pesquisas na área".

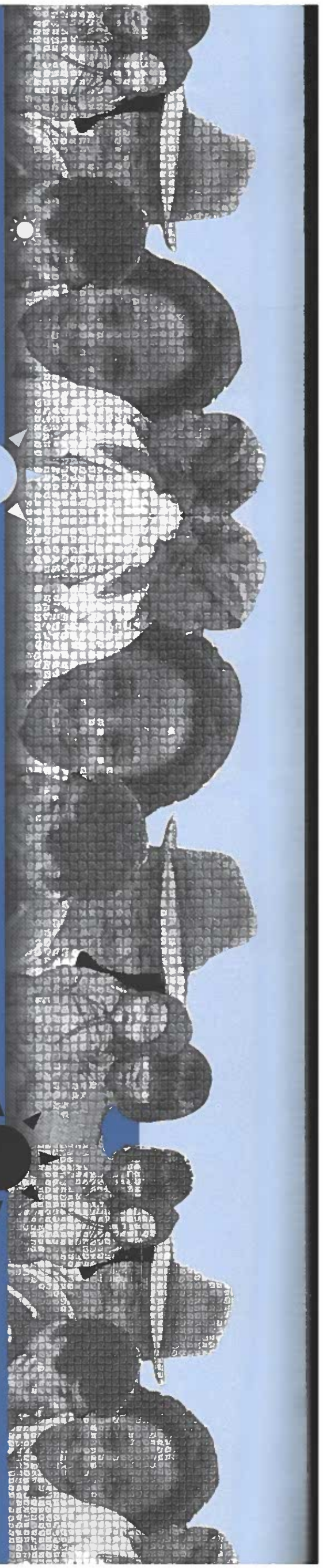
É um trabalho que as psicólogas classificam como gratificante e de uma riqueza incomparável, principalmente pela possibilidade de entrar em contato com diferentes grupos de populações. "Aqui vem todos os tipos de pessoas: de alto ou baixo nível sócio-econômico, universitário, travestis, meninos de ruas, freiras, donas de casa, criança abusada, presidiários... E todos são acolhidos da mesma maneira, apesar das diferentes reações diante de um teste com resultado positivo. Para alguns o mundo desaba, para outros é uma desgraça a mais, para outros é um marco positivo para mudar de vida", conta Cláudia Formoso. A idéia é que o CTA funcione como uma referência interna para estas pessoas, que elas se sintam à vontade para procurar as psicólogas sempre que sentirem necessidade. "Nossa função é contribuir para a diminuição dos riscos de infecção e auxiliar os soropositivos a lidarem com sua nova realidade, a elaborar suas perdas, a entender que eles podem ter qualidade de vida e não precisam abrir mão de certas vivências", acrescenta Cláudia. A psicóloga Mirian ressalta que o vínculo de confiança que surge entre o psicólogo e o paciente é fundamental na adesão ao tratamento. "Nós ajudamos a desconstruir a idéia que Aids é sinônimo de morte. As pessoas têm pré-conceitos em relação a isso e muitas acham que seus projetos acabaram ali. Mas temos que incentivar seus sonhos, ajudá-las a mantê-los vivos. Isso faz muita diferença", observa.

Segundo Cláudia, hoje a equipe do CTA está melhor estruturada e a população também vem avançando na questão do HIV. "Em 1994, por exemplo, a questão do anonimato era fundamental. Mas atualmente a população em geral encara o assunto com mais naturalidade", conta. A equipe também observa uma mudança no perfil dos infectados ao longo dos anos. Se há dez anos os homo e bissexuais apareciam como "grupo de risco" e, mais recentemente as mulheres casadas, hoje são as pessoas de 3ª idade estão sendo um público mais freqüente no CTA. "Novas realidades estão surgindo a cada dia e temos a obrigação de desmitificar certos tabus", explica Cláudia. Mirian complementa: "o trabalho do psicólogo é acolher a população que nos procura sem pré-julgamentos. Apesar da Aids ser uma epidemia social e das pessoas estarem muito vulneráveis, principalmente as de um nível sócio-cultural mais baixo, percebemos alguns avanços. Quando a pessoa sai daqui disposta a se cuidar ou quando percebemos que as gestantes que têm HIV estão tomando precauções e os bebês nascem sadios é gratificante. Porque então percebemos que estamos conseguindo fazer alguma coisa, que o nosso trabalho não é em vão", salienta.

■ O CTA funciona na rua Prof. Manoel Lobato 151 – Centro de Saúde Vila dos Comerciários – PAM 3. Fone (51) 3230.3050.

■ Além de Mirian Weber e Cláudia Formoso, que concederam esta entrevista, a equipe de psicólogas do CTA se complementa com Daniela Calsa e Jenny Milner. A coordenação do serviço é da assistente social Carla Machado.

Pela Paz, contra o Neoliberalismo e a Exclusão Social



O II Fórum Social Mundial, que ocorrerá em Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, de 31 de Janeiro a 04 de Fevereiro de 2002, está sendo construído por inúmeras pessoas, organizações, movimentos sociais e governos que acreditam que a paz, a solidariedade, a justa distribuição de renda e a inclusão social não são apenas utopias. São possíveis e, apesar dos obstáculos, uma realidade sendo implementada em muitas partes do mundo. A globalização é um fato. Mas, sua versão *neoliberal*, egoísta e promotora da exclusão, reflexo dos interesses do capital financeiro internacional, não é a única alternativa. Há outra globalização, solidária, generosa e integradora.

Porto Alegre receberá milhares de pessoas de todo o planeta que, mais uma vez, apresentarão e debaterão propostas concretas na perspectiva de um outro mundo, mais justo, com mais igualdade, mais solidariedade: um mundo mais humano.

O Conselho Federal de Psicologia e os Conselhos Regionais estão novamente participando do Fórum Social Mundial, com delegados e como proponentes de três oficinas oficiais, sob o tema geral Modos de Subjetivação na Construção de um Outro Mundo Possível, com os seguintes subtemas: Desigualdade, subalternidade e autonomia; Diferença, preconceito e inclusão; Redes Sociais, violência e solidariedade.

O Fórum Social Mundial é uma experiência única, imperdível. Uma troca de vivências com pessoas de todo o planeta. É uma possibilidade de compartilhar razão e sensações, em diversos idiomas e sensibilidades.

Prepare-se: de 31 de janeiro a 04 de fevereiro, temos um grande encontro marcado em Porto Alegre!

Vamos mostrar ao planeta que um novo mundo não é apenas necessário: é possível! E está sendo construído. Por cada um de nós.

Saiba como participar das atividades do

II FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

Confira as mesas, dias e palestrantes das oficinas dos Conselhos

O Conselho Federal e os Regionais de Psicologia organizaram três oficinas que serão desenvolvidas durante o II Fórum Social Mundial. O tema geral dos encontros será Modos de Subjetivação na Construção de um outro Mundo Possível.
As oficinas estão marcadas para os dias 1º, 2 e 3 de fevereiro, sempre a partir das 14h30min, na Faculdade de Psicologia da PUC/RS (prédio 11, 9º andar). A PUC fica na avenida Ipiranga, nº 6681, em Porto Alegre.

As oficinas dos Conselhos têm entrada franca e estão abertas à participação de todos os interessados, sem necessidade de inscrição prévia.

Agende-se e participe!!

Nas próximas páginas do EntreLinhas, os painelistas convidados a participar das oficinas antecipam para os leitores algumas das idéias que vão levar para os debates do começo de fevereiro.

Dia 1º/02 –

Desigualdade, Subalternidade e Autonomia
*** Com José Moura Gonçalves Filho (SP), Sílvia Leser de Mello (SP) e Maria da Graça Jacques (RS)**

Dia 2/02 –

Diferença, Preconceito e Inclusão
*** Com Céli Pinto (RS), Regina Benevides (RJ) e Ana Marta Lobosque (MG)**

Dia 3/02 –

Redes Sociais, Violência e Solidariedade
*** Com Eduardo Passos (RJ), Maria Rita Kehl (SP) e Glória Diógenes (CE)**



Os dispositivos clínico-políticos e as redes no contemporâneo

Eduardo Passos
Doutor em Psicologia, professor do Depto. de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e coordenador do Mestrado em Psicologia da UFF

Tomamos a clínica e a política como dois domínios que se distinguem mas que não se separam. Neste sentido, recusamos que a clínica seja definida como o domínio do privado, dos nossos segredos íntimos, das experiências interiores de um sujeito diferente da política entendida como domínio do público (pólis), isto é, domínio onde encontramos os jogos de poder, o embate entre as forças dominantes e as forças dominadas. E se não assumimos esta perspectiva tradicional, conseqüentemente, a clínica tem a ver com acontecimentos mais locais como a greve dos professores e funcionários das Universidades Federais ou com acontecimentos mais globais como os protestos contra o neo-liberalismo (Gênova, em São Paulo, ou como será novamente em Porto Alegre no Fórum Social Mundial), e com questões como a onda terrorista que assola o mundo e desestabiliza o Capitalismo Mundial Integrado (CMI).

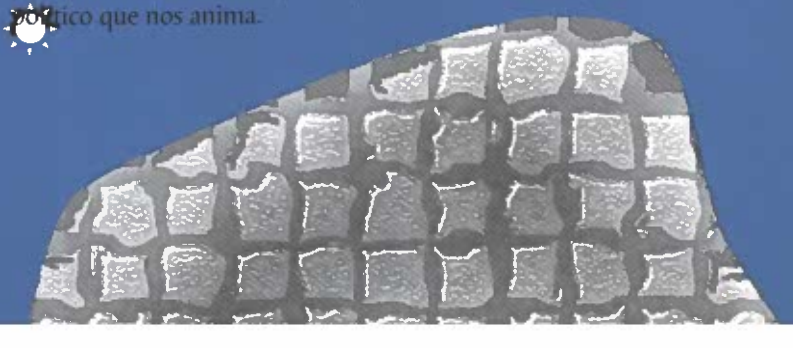
Queremos superar aquelas velhas oposições entre clínica e política, entre sujeito e mundo, e para isso é preciso que definamos de outra maneira o que entendemos por subjetividade. Porque na clínica trabalhamos com subjetividades. E o que entendemos por subjetividade?

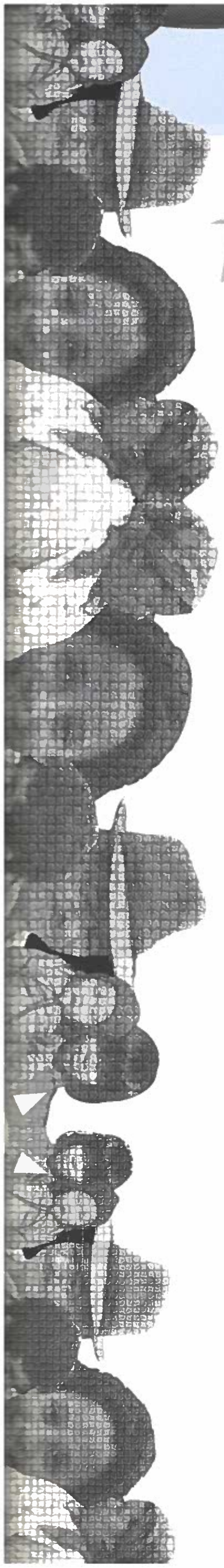
Quando falamos de subjetividade não estamos falando de uma natureza, de uma essência, de uma realidade dada. Não estamos falando de alguma coisa que seja sempre idêntica a si. Não estamos falando de uma identidade. Por subjetividade entendemos não um estado de coisa ou estrutura, mas um processo – um processo de subjetivação ou um processo de produção de si. E este processo se realiza com múltiplos elementos, isto é, há vários vetores de subjetivação que participam da produção das subjetividades: o ambiente familiar com sua relações (pai/mãe, mãe/filho, pai/filho etc), isto que poderíamos chamar do teatro edípico e que Freud tão bem soube descrever e privilegiar, mas devemos considerar também a existência de outros determinantes nesse processo como a mídia, a violência das cidades, a música, o cinema, a dança e as artes plásticas, a experiência com as drogas, a participação nos movimentos sociais e muitos outros vetores de subjetivação. Porque para nós, a subjetividade se define por uma atividade de produção. Essa produção não pode ser definida como simplesmente a produção realizada por um sujeito, mas é o próprio sujeito que aparece como um produto, isto é, como o resultado de um processo de produção que é sempre da ordem do coletivo.

E se pensamos esta inseparabilidade entre o individual e o coletivo, entre o pessoal e o político, entre o privado e o público é porque entendemos a subjetividade atravessada por estes múltiplos vetores e, conseqüentemente, sendo ela mesma múltipla. Estamos atravessados pelos acontecimentos contemporâneos. E como estamos vivendo a contemporaneidade? O contemporâneo se apresenta a nós na forma da catástrofe. Estes acontecimentos catastróficos, acreditamos, são importantes analisadores que fazem aparecer e intensificar a dimensão do público.

Longe daqui, no dia 11 de setembro, um evento produzia um efeito de análise pela catástrofe que se publicizava. Eram dois ícones do poder internacional na forma das torres do World Trade Center e do Pentágono que eram atacados. As imagens do espetáculo de terror na cidade de NY tiveram a força de um intercessor catastrófico sobre nossas experiências no contemporâneo. Com a explosão dos três aviões, aqueceram-se as redes do político e do público. Está deflagrada uma discussão política quente malgrado a tentativa de esfriar a comunicação realizada pela mídia que se esforça em humanizar a catástrofe seja focalizando humanisticamente o sofrimento daquelas inocentes vítimas do atentado, seja tomando o evento como uma convocação em defesa da humanidade no sentido abstrato do termo. Podemos dizer que o golpe de mestre do atentado se evidencia não só na precisão do cálculo da inclinação do boeing que colide com a torre sul, mas também no anonimato do atentado que dá visibilidade (tal como um analisador) à rede fria do Império mundial que as torres abrigavam. Porque não foram só os USA que tomaram para si o ataque, mas todo um império capitalista que se viu atingido com a interrupção de suas transações comerciais realizadas nas torres. Neste sentido, não foi um centro do capitalismo que foi atingido, mas um ponto de concentração da sua rede fria. E seguindo a mais pura lógica do capitalismo – a saber: é pela concentração do capital que se atesta a força política das instituições – que se crê que foi o centro do mundo o atacado.

Mas se não foi o centro do Mundo que foi atacado é porque o Mundo Capitalista não tem um centro. Vivemos um CMI, um capitalismo globalizado que se estende em rede. E por isso que contra a rede do capitalismo da globalização se insurge uma outra rede que é a do terrorismo. Rede contra rede. Acreditamos que não há como escaparmos das redes e por isso a estratégia é a de constituirmos outras redes: redes quentes, isto é, redes não comprometidas com a exploração capitalista nem com o terror, mas sintonizadas com a vida, redes autopoiéticas. Redes públicas que envolvem a dimensão coletiva da existência e que estão comprometidas em processos de produção de subjetividades não dominadas pelo pânico, pela dívida, pela depressão. Este é o compromisso clínico-político que nos anima.





Terão as diferenças limites?

(a propósito do Fórum Social Mundial)

Céli Regina Jardim Pinto
Professora do Departamento de Ciência Política da UFRGS
PhD em Ciência Política

Falar de diferenças no espaço do Fórum Social Mundial é uma tarefa difícil, mas que deve ser enfrentada principalmente se tomarmos em consideração o momento que vivemos e, mais ainda, a natureza do evento.

Vivemos um momento de grande fragmentação: os grandes temas que uniam a todos, os grandes sujeitos, que pareciam unificar a luta por utopias e esperanças de tempos melhores, perderam sua atualidade histórica de forma assustadora. Muitos de nós, tributários dos sonhos da década de 60, podemos nos dar ao luxo da nostalgia e seguindo um velho ídolo afirmar que o sonho acabou. Mas, a maioria de nós não tem idade para ter nostalgia do sonho. Simplesmente nunca fomos partícipes desta comunidade que sonhou junta. Estamos, velhas e novas gerações, divididos um mesmo sentimento de solidão cívica. Onde estão os nossos iguais com os quais podemos partilhar um sonho que vá além de projetos de vida privados? Por que neste novo século é tão difícil encontrar um igual? Se formos mulheres e encontrarmos outras mulheres no campo de luta, logo uma será branca e outra negra e esta diferença nos afastará; se formos trabalhadores e encontrarmos trabalhadores, logo um será empregado e outro desempregado e estaremos em campos opostos; se encontrarmos democratas logo um achará que democracia é participação popular e outro o primado do mercado e se tratarão como inimigos. A lista pode ser desenrolada por muitas páginas. Ou por não ter muitas páginas ou por não querer enfadar a leitora ou o leitor com inúmeros exemplos, paro por aqui.

Mas uma pergunta se impõe, às vésperas do II Fórum Social Mundial: o que une todo este grande contingente de pessoas que se desloca para Porto Alegre pela segunda vez.? Não há dúvidas que houve em 2001 e haverá, até com mais sentido, em 2002, uma comunidade de sentidos. Mas afinal de que se constitui esta espécie de liga, que nos faz vivenciar um sentimento de solidariedade, de compartilhamento com pessoas, com grupos, com sujeitos e vontades tão diversas? Será que o Fórum é capaz de construir uma solidariedade, maior do que o sentimento de pertença de poucos dias? Será capaz o Fórum de ser um laboratório para experimentar novos projetos possíveis de serem compartilhados por muitos?

Estamos em um momento na história, e o I Fórum Social foi um forte exemplo disto, em que aqueles preocupados com a construção de uma sociedade mais justa, mais solidária, mais democrática e menos violenta sabem exatamente o que não querem, mas não conseguem ir mais longe do que isto. E este é o dilema da fragmentação em que nos encontramos. Não são as diferenças que nos atrapalham, mas a incapacidade até de ter um adversário comum. Sem conseguir constituir, sequer o outro, não há a mínima chance de constituir a si próprio como uma unidade estratégica . Parafraseando Derrida, o chamado campo progressista que se reúne no Fórum não consegue sequer identificar seu "outsider" constitutivo.

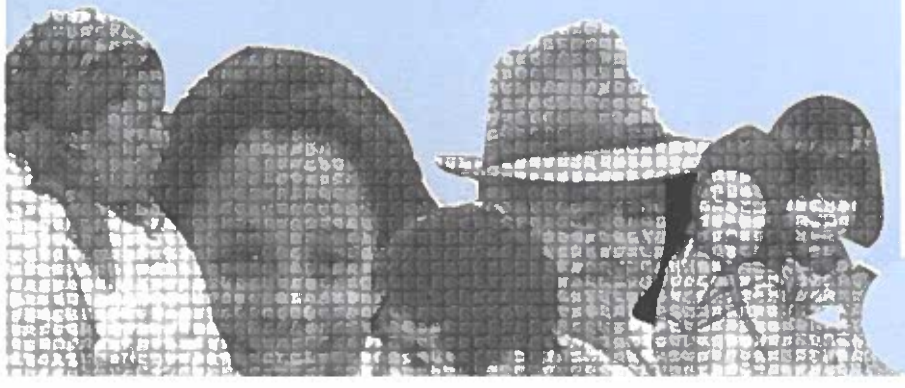
Seria fácil se fosse possível simplesmente culpar a fragmentação deste início de século por tal situação e propor a minimização ou talvez, simplesmente, o fim das diferenças como solução. A fragmentação existe sem dúvida, mas negá-la ou culpá-la lembra velhos refrões que na história do século XX só resultaram em grandes genocídios. Toda vez que as diferenças foram apontadas como culpadas, a ditadura dos iguais dizimou populações. Mesmo assim a fragmentação não pode ser um fim em si mesmo. Se tantos se reúnem nesta distante cidade do terceiro mundo, se todos por uma semana conseguem construir uma comunidade de sentidos, devemos pensar que na diferença possa haver algo que nos constitua como solidários e iguais. Enquanto estamos ainda na fase da indignação. Não é pouco para um Fórum, mas é muito pouco para um projeto de futuro. Da indignação precisamos passar para o momento de definição clara do que nós não somos de forma alguma, em que pese nossas diferenças. E, reafirmando-as construir nelas, a partir delas e sem superá-las, uma nova unidade capaz de dar corpo a um projeto solidário, libertador e provisoriamente unitário, que tenha como princípio fundamental que só a provisoriedade garantirá a liberdade.

Psicologia e Economia Solidária: *uma proposta política*

Sylvia Leser de Mello
Professora Titular do Departamento de Psicologia Social Instituto de Psicologia/ Universidade de São Paulo

Foi com enorme satisfação que recebi o convite para participar do Fórum Social Mundial. Faz bem pensar que conseguimos nos reunir, em grande número, para discutir, ampla e democraticamente, como fazer frente às conseqüências mundiais da busca do lucro e da expansão e crescimento do Capital, cujo rosto mais visível é o rosto do sofrimento de milhões de seres humanos. Faz bem pensar que é possível reunir pessoas que ainda estão dispostas a enfrentar uma luta, absolutamente desigual, para encontrar formas melhores de viver para todos, mas sobretudo, para formular alternativas que devolvam o mundo aos seus habitantes. Faz bem pensar que a Psicologia faz parte desse esforço. Faz bem pensar que o fórum possa vir a constituir uma nova força que torne menos desigual a nossa luta.

Falar de Psicologia e trabalho, referidos aos psicólogos nas incubadoras universitárias de cooperativas, é propor um tema mais antigo: é necessária uma disposição para o trabalho multidisciplinar. A experiência da Incubadora Tecnológica de Cooperativas da USP mostra, em cada um dos projetos que desenvolve, a importância da abertura da própria Psicologia para outras áreas de conhecimento, sobretudo quando se está tratando com temas complexos como o trabalho. Essa abertura é recompensada com uma notável ampliação do entendimento do trabalho do psicólogo quando se dissolvem velhas dicotomias que parecem, às vezes, irredutíveis, como a teoria e a prática ou o conhecimento e a ação. Apoiados em princípios socialistas, retomados e reformulados por Paul Singer, e que ele denomina Economia Solidária, um grupo de alunos e de professores da USP partiram para a formação de cooperativas, grupos associados, empreendimentos auto gestionários, voltados à geração de trabalho e renda junto com grupos de trabalhadores não apenas desempregados, mas pertencentes àquela parcela que se inscreveu, sempre, de modo marginal no mercado de trabalho e cujas perspectivas de obtenção de ganho restringiram-se também com a ampliação do número de trabalhadores nessa situação. O resultado mais surpreendente desses empreendimentos não é, como se poderia esperar, somente a geração de renda, mas a gradual mudança das pessoas envolvidas no processo de autogestão, como se o domínio sobre o seu próprio trabalho se expandisse para o domínio sobre outras esferas da vida, indicando caminhos importantes para aprofundar questões como a desigualdade, a subalternidade e a autonomia enquanto construções subjetivas e objetivas, com raízes políticas.



Grupos e

A aproximação do II Forum Social Mundial cria a oportunidade de nos debruçarmos, mais uma vez, sobre temas que, no cotidiano, têm mostrado a face complexa própria do contemporâneo.

Esse é o caso, a meu ver, do tema dos grupos e coletivos. Considerado "fora de moda nos anos 80/90", especialmente no círculo das práticas "psi", onde se passa a divulgar sua ineficácia, pobreza teórica e seu caráter "meramente ideológico", as práticas grupais são novamente "retomadas" e, muitas vezes, enaltecidas durante a segunda década dos anos 90.

Mas o que será que se enaltece? Onde estariam as críticas feitas há menos de duas décadas? Teriam sido superadas as deficiências teóricas atribuídas ao trabalho com grupos? Seu caráter ideológico teria sido ultrapassado em nome de uma abordagem mais "científica" ?

É claro que cada uma dessas perguntas mereceria respostas cuidadosas. Mas, o que mais chama a atenção, é o fato de que tais perguntas não são, de modo geral, sequer feitas por aqueles que trabalham com os grupos. Seja no trabalho junto a comunidades, seja junto às escolas, seja no trabalho dito clínico, seja junto às empresas, usa-se 'o grupo' ou, como habitualmente se costuma chamar, usa-se a 'dinâmica de grupo', sem que se pergunte, afinal de contas, do que se está falando ou o que se está fazendo.

Chega a ser curioso, para não dizer patético, que muitos profissionais não parem, nem mesmo para pensar, sobre o fato de que o termo dinâmica de grupo não se refira tão somente a um conjunto de técnicas arroladas em livros-receituários de fácil aplicação, mas que, segundo seu idealizador (Kurt Lewin, para quem não sabe), isto estivesse se referindo ao caráter dinâmico dos grupos. Ele já criticava, nos idos dos anos 40, as análises funcionalistas-positivistas dos fenômenos grupais, apontando para o complexo sistema que vai se pondo a funcionar na composição de um grupo.

Guardadas todas as críticas que possamos fazer à perspectiva lewiniana (e as temos feito) é inegável que esta contribuição está longe de ser aquilo a que tem sido reduzida: as chamadas "técnicas de grupo". O que temos acompanhado, então, na maior parte das vezes, é uma utilização tecno-operacional do grupo que vira oferta fácil nas prateleiras de guias das livrarias e nas bancas de jornal.

Na verdade, em uma sociedade de consumo rápido e de grande descartabilidade, nada mais "vendável" do que rápidas receitas de "como fazer para que as pessoas sejam cooperativas, como vencer o receio dos primeiros contatos ou como fazer sua equipe mais competitiva" (!).

O grupo, a equipe, o time, e aqui o termo pode variar, passam a ser alvos principais pois, em que pese todas as críticas - as que foram feitas e as que merecem e precisam ser feitas -, há algo que se passa na experiência grupal que faz mover, que afeta.

É aqui que queremos nos deter – na experiência grupal. E é justo aqui que nos defrontamos com uma situação paradoxal da qual não devemos escapar com saídas fáceis que, ou excluiriam o grupo porque ele seria apresentado em sua face controlista e adaptacionista do comportamento humano, ou o incluiriam porque ele resultaria em bons níveis de eficiência, seja na adesão a tratamentos, seja nos resultados esperados nas organizações de trabalho, etc.

Não, não devemos escapar do paradoxo da experiência grupal com saídas dicotomizadoras do tipo ou...ou - ou o excluímos ou o incluímos -, mas devemos tomá-la em sua complexidade e, portanto, em sua multiplicidade de componentes, para que possamos, então, ver o que ela põe a funcionar.

Este sentido de dispositivo – o

Coletivos:

Regina Benevides
Psicóloga; Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense; Doutora em Psicologia Clínica: Membro da Equipe Clínico-Grupal do Grupo Tortura Nunca Mais/RJ.

que põe dispõe, o que faz funcionar, é o que deve ser construído quando experimentamos os grupos. O dispositivo, como composto multivetorializado, como emaranhado de linhas, indica, numa primeira tomada, não a totalidade pretendida por muitas das abordagens grupalistas, mas as fraturas e a multiplicidade constituinte de qualquer prática. Relações de poder-saber, modos de ver e de falar, modos de subjetivar estão aí presentes.

A questão que vai se colocando como problemática, então, é a de, para aquém e além da unidade constituída do "time, equipe ou grupo", se poder cartografar as muitas linhas que compõem este modo de funcionar que chamamos grupo.

Esta é a orientação da filosofia dos dispositivos: crítica às totalidades universalizantes que, em prol dos padrões, perdem as diferenças, crítica ao que se apresenta como eterno que, em prol das garantias, perde a apreensão do novo.

É preciso, então, realizarmos com os grupos um trabalho genealógico de rachar sua formatodo para entrar em contato com seu plano de produção, suas forças constituintes, seus inumeráveis pontos de começo, suas pontas desterritorializadas, seus limites entreabertos. É preciso, também, acompanharmos o que emerge como fruto-efeito da operação de rachadura, cartografarmos o que se solta da forma para podermos compor outros territórios.

No contemporâneo, o que o dispositivo "grupo" na experiência clínica tem posto a funcionar é uma permanente argüição dos modos privatizados e privatizantes com que o sofrimento tem sido vivido, oferecendo-se como um outro modo de funcionar, de por a existir.

Exatamente. Trata-se de um modo de funcionar, um modo-grupo. Modo que convida ao contato com o que não sabemos de nós próprios, com o que, no limite da experiência de si nos lança no plano de produção, plano do coletivo.

Entendamos que, aqui, o coletivo não se refere a um conjunto de pessoas, ou a uma categoria que se reconhece por identificação de traços. O coletivo é aqui tomado como este plano que produz o si e o mundo, que implica os muitos e múltiplos elementos que constituem toda a existência: humana e não humana.

É neste contato com o coletivo que o grupo encontra sua força de diferenciação, sua capacidade de invenção de modos de existir que escapem da padronização globalizante que paira, nas modulações contemporâneas do capitalismo, como que 'sem escapatória' para todos nós.

É nesta posição de dispositivo que o grupo pode escapar das marcas que lhe são constantemente impostas, seja o de ser um mecanismo adaptativo, seja o de ser eficiente facilitador na obtenção de resultados. É nesta posição-ação de dispositivo que o grupo pode habitar seu caráter paradoxal de ser, ao mesmo tempo, forma e força, ser coletivo e portar singularização.

Às portas de mais um Fórum Social Mundial, quando buscamos construir um mundo que resista às decisões globalizadas e supranacionais, o tema dos grupos e dos coletivos impõe-se como importante já que precisamos de dispositivos que possam intervir de modo a nos pôr em contato com processos de diferenciação. Topemos este desafio!

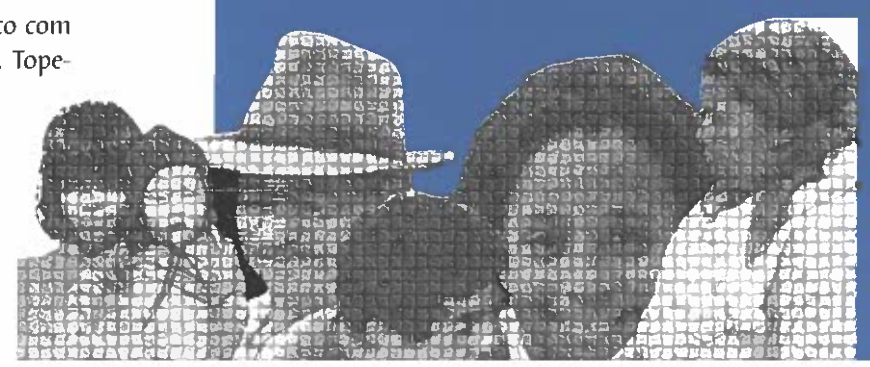
Todos dependem de todos

José Moura Gonçalves Filho
Psicólogo, professor da Universidade de São Paulo

Determinações e curas políticas da humilhação social. É disso que buscarei tratar no Fórum Social Mundial, discutindo lições advindas da convivência com cidadãs pobres que participaram da fundação comunitária dos Centros de Juventude na Vila Joanisa. A Vila Joanisa é um bairro na periferia sul da cidade de São Paulo, avizinhando Diadema. O sofrimento de um rebaixamento moral informa a imaginação, os gestos e as palavras do oprimido. E é sofrimento político: humilhação social, dolorosa modalidade de angústia derivada do impacto da desigualdade de classes. A desigualdade é perturbadora e fere. Fere fundo o espírito de homens e mulheres pobres. Fere assiduamente os pobres. E nunca fica sem alguma resposta, algum remédio. Resposta e remédio trazidos pela pessoa e muitas vezes trazidos por um grupo. Trazidos de modo mais ou menos consciente. Trazidos de modo mais ou menos organizado. Trazidos por dentro e por fora.

A consciência e organização exigidas na fundação de uma sociedade sem patrões são tarefas que dependem de atenção política e, ao mesmo tempo, dependem de atenção também psicológica. O Brasil e os brasileiros receberam de Paulo Freire uma mensagem e exemplo ainda decisivos: a libertação dos oprimidos é libertação com os oprimidos. Ninguém liberta ninguém. Ninguém liberta-se sozinho. Homens e mulheres libertam-se em comunidade. A comunidade é a reunião de nós todos, quando a palavra e a iniciativa são garantidas a cada um; quando cada um se sabe dependente de todos os demais; quando todos, por sua vez, se sabem dependentes de cada um; a comunidade somos todos quando cada um se sabe nem superior e nem inferior a ninguém, a comunidade é serviço mútuo sem servilismo.

Daí, partem muitas perguntas. O que ensinam, quando formadas, as comunidades dos pobres? O que nos ensinam sobre a humilhação na cidade? Como interpretar e cancelar com o humilhado a humilhação? E, ainda, o que ensinaram os Centros de Juventude joanisenses durante os anos 70 e até meados dos 90?



O CRP-07 estará fechado

ao público nas tardes de sexta-feira, no horário das 12h às18h, durante os meses de janeiro e fevereiro. Durante este período, reservado para questões de expediente interno do Conselho, também não serão feitos atendimentos por telefone.

As próximas reuniões

da Comissão Especial do Trânsito estão marcadas para as seguintes datas, sempre no auditório do CRP-07: dia 19 de janeiro às 8h30min; dia 6 de março às 20h; e dia 23 de março às 9h.

Deliberações Nacionais na APAF

Andréa Giesen Lompa,
Carla Garcia Bottega
e Tatiana Baierle
Psicólogas conselheiras do CRP-07

Nos dias 13, 14 e 15 de dezembro ocorreu, em Brasília, a APAF - Assembléia de Políticas Administrativas e Financeiras. A APAF é a instância que discute e delibera sobre as políticas que serão adotadas pelo Sistema Conselhos, sendo constituída por representantes dos Regionais, em número proporcional ao de psicólogos inscritos em cada região, mais três delegados do Conselho Federal de Psicologia. Nesta Assembléia, o CRP-07 esteve representado por três membros da diretoria.

Entre as questões constantes em extensa pauta, ressaltamos a manifestação na manhã do dia 13 em frente ao Ministério da Educação, na qual os representantes dos Regionais e Federal demonstraram sua contrariedade à homologação da proposta de Diretrizes Curriculares para os cursos de Psicologia, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação. Em audiência no Ministério, com a participação de entidades nacionais da Psicologia, obteve-se a garantia de que as diretrizes não serão homologadas neste momento. Sendo assim, uma nova proposta de diretrizes deverá ser apresentada baseada nas discussões encaminhadas pelas entidades representativas da categoria, que estarão articulando estudantes, professores e psicólogos para esta proposição.

Ainda destacamos as discussões a respeito das Resoluções sobre Avaliação Psicológica, Registro de Especialistas e a Comemoração pelos 40 anos da Psicologia no Brasil. Foram formados também, vários Grupos de Trabalho que deverão qualificar algumas questões que serão remetidas para a próxima APAF.

Após o encerramento dos trabalhos, na noite do dia 15, ocorreu a cerimônia de posse da nova gestão do Conselho Federal de Psicologia. Nesta, os Conselheiros Ana Mercês Bahia Bock e Marcus Vinícius de Oliveira Silva foram homenageados pelo trabalho realizado junto ao CFP, sendo reconhecido o crescimento da psicologia brasileira durante o período em que estiveram a frente do Federal.

Comissão avalia registros de especialistas

Foi intensa a demanda pela solicitação de Registro de Especialista na modalidade de experiência profissional, que teve prazo de vencimento no dia 17 de dezembro passado. Assim, devido ao grande número de processos encaminhados para avaliação ao CRP-07, a Comissão Especial de Análise para Concessão de Título Profissional de Especialista esclarece que as respostas das análises poderão ser apresentadas após o prazo previsto. A Comissão também salienta que não medirá esforços para agilizar os pedidos e, à medida em que os resultados forem conhecidos, serão encaminhados ofícios comunicando o parecer da comissão aos psicólogos.

Seminário debate a Psicologia do Trânsito

Psicologia, Circulação Humana e Subjetividade foi o tema de um seminário realizado em São Paulo nos dias 23 e 24 de novembro passado, no qual a proposta principal foi debater com os psicólogos do trânsito a necessidade da interdisciplinariedade de sua função, o que se caracteriza pela troca de experiências entre especialistas e pela integração das disciplinas num mesmo projeto de pesquisa.

O CRP-07 esteve representado pela psicóloga conselheira Cristina Armani Madeira, presidente da Comissão Especial do Trânsito, que também destaca a importância do profissional em ir além da avaliação psicológica, levando em conta a problemática do trânsito e não apenas o condutor. Isso decorre do fato de que a Psicologia, atualmente, tem seu objeto inserido entre o espaço público e o privado e busca qualidade de vida.

Encontro da ABRAPSO enfatizou o compromisso social

Psicologia Social e Transformação da Realidade Brasileira foi o tema escolhido para as reflexões e trabalhos do mais recente encontro da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), realizado em Florianópolis em novembro passado. Segundo as psicólogas conselheiras Giselle Sanches e Maria Cristina Carvalho, que representaram o CRP-07, o encontro se caracterizou como uma continuidade da Mostra de Práticas em Psicologia, já que a intensa programação (dividida em grupos de trabalho, painéis e apresentação de trabalhos) foi voltada para o compromisso social do psicólogo. Além da grande participação de estudantes e da produtividade dos debates, as psicólogas que representaram o CRP-07 também destacam que neste encontro foram comemorados os 21 anos de existência da Abrapso, criada para ser um espaço de discussão e de troca de idéias dos profissionais que se dedicam à pesquisa em Psicologia Social.

Durante o encontro da ABRAPSO foi lançada uma campanha nacional de filiação à Associação Brasileira pelo Ensino da Psicologia (ABEP). A entidade, criada há poucos anos, precisa de recursos para se estruturar e cumprir seus objetivos, o que só será possível através da contribuição e do trabalho dos filiados.

Hospitais psiquiátricos vão a julgamento

As comissões de Direitos Humanos e Políticas Públicas do CRP-07 acompanharam, em Brasília, a realização do Tribunal dos Crimes da Paz - O Hospital Psiquiátrico no Banco dos Réus. No encontro, desenvolvido no último dia 11 de dezembro, foi feito um julgamento simbólico dos hospitais psiquiátricos a partir dos depoimentos emocionados de familiares, usuários, prestadores de serviços e técnicos. Ou seja, pessoas ligadas, de alguma forma, a estas instituições conhecidas pelos crimes que cometem contra os direitos humanos. Ao término do Tribunal, os participantes concluíram pelos seguintes encaminhamentos: fechamento dos hospitais psiquiátricos; redimensionamento dos recursos das internações hospitalares para os serviços substitutivos; e desenvolvimento de uma campanha, pelo Ministério da Saúde, mostrando os crimes cometidos pelos hospitais psiquiátricos e a viabilidade das redes de serviços substitutivos.

O Tribunal dos Crimes da Paz foi realizado pelo Conselho Federal de Psicologia em parceria com a Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, Fórum de Entidades Nacionais de Trabalhadores da Área da Saúde e Associação dos Juízes pela Democracia.

O Centro de Estudos Luis Guedes,

do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal/UFRGS, está lançando uma campanha de assinaturas da Revista Brasileira de Psicoterapia, editada por esta instituição. A publicação, com peridiocidade quadrimestral, tem como objetivo proporcionar espaço para a publicação de artigos, disseminando conhecimento em ensino, pesquisa e prática das psicoterapias e favorecendo o intercâmbio entre os colegas que atuam na área. Até o momento já foram publicados seis números da revista, que podem ser adquiridos no Centro de Estudos Luis Guedes (Ramiro Barcelos, 2350/ 2218 – Porto Alegre). O e-mail é rbrapsic@hcpa.ufrgs.br

Criando Crianças

é o livro de autoria das psicólogas Denise Pereira, Rosa Squeff, Vera Chem e Vera Mello em conjunto com os médicos Ernani Miura e Isabel de Almeida. Destinado a pais e educadores, a obra pretende mostrar a integração do desenvolvimento físico e emocional da criança de zero a seis anos. Informações pelo telefone (51) 3332.5273.

III Curso de Formação em Terapias Cognitivas
Início em maio de 2002
Inscrições abertas na Virtual Office
Informações (51) 3328.6366

XXI Jornada Sul-Rio-Grandense de Psiquiatria Dinâmica
Tema: Trauma
De 19 a 22 de junho em Porto Alegre
Inscrições de trabalhos até 20 de março
Informações (51) 3311.8809

X Ciclo de Estudos em Psicoterapia de Adulto e Infantil, Psicopatologia, Dependência Química e Psicodiagnóstico
Inscrições abertas no Gaepsi
Informações (51) 3331.3781

Especialização de Psicoterapeutas de Adulto Maduro
Público-alvo: profissionais de psicologia e medicina
Inscrições abertas no GEA
Informações (51) 3330.6404 ou 3321.1573

Teorias do Desenvolvimento e a Interação Pais-Bebês
Início em março de 2002
Inscrições abertas na Clínica Pais-Bebê
Informações (51) 3332.5899

Psicoterapia de Orientação Psicanalítica
Curso com início em março de 2002
Inscrições abertas no ITI
Informações (51) 3311.3008 ou 3311.8163

Especialização em Psicoterapias Dinâmicas
Curso destinado a médicos e psicólogos
Início em março de 2002
Inscrições abertas no Depto. de Psiquiatria da FFFCMPA
Informações (51) 3228.5365 ou 3224.8822

Formação em Psicoterapia Psicanalítica de crianças, adolescentes e adultos
Cursos com início em março de 2002
Inscrições abertas no Instituto Bion
Informações (51) 3332.3943 ou 3335.3443

Interpretação dos Sonhos, Sexualidade Feminina, Introdução à Psicanálise
Grupos de Estudos no Núcleo de Estudos Sigmund Freud
Informações (51) 3334.6400 ou 3338.6361

Curso de Formação em Psicoterapia Psicanalítica
Início em março de 2002
Inscrições abertas no ESIPP
Informações (51) 3332.6436

Formação de Terapeutas de Família
Inscrições abertas no Domus
Informações (51) 3346.3022

Formação em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica
Inscrições abertas no IEPP
Informações (51) 3333.4801 ou 3335.3534

Grupo de Estudo: A Relação de Ajuda
Início em março de 2002
Inscrições abertas no Instituto Delphos
Informações (51) 3388.6898

Formação em Psicologia Organizacional
Início em março de 2002
Inscrições abertas no IDG
Informações (51) 3222.1725 ou 3346.6550

Grupos de Estudo da Clínica Maud Mannoni
Temas: Estruturação Psíquica e Linguagem, Psicose, Hiperatividade e Estimulação Precoce
Início em abril de 2002
Informações (51) 3321.1814

Grupo, Família, Clínica e Política
Curso com início em abril de 2002
Inscrições abertas no Instituto Pichon-Reivière
Informações (51) 3331.7467 ou 3223.0570

I Congresso sobre Psicanálise e suas Intersecções
Temas: Luz e Metáfora: Um Olhar sobre Espaço e Significados
De 22 a 25 de maio de 2002, em Porto Alegre
Inscrições abertas no GEA
Informações (51) 3330.6406 ou 3321.1573

Simpósio Internacional sobre Limites e Alternativas no tratamento da Ansiedade
Dia 23 de março de 2002, em Porto Alegre
Inscrições abertas na ASTOC e PROTOC
Informações pelo e-mail idalina@protoc.com.br

Cursos do Centro de Estudos Avançados de Psicologia
Aulas sobre temas da área de psicologia e saúde
Inscrições abertas no CEAP (MG)
Informações (51) 3221.9017 ou www.cicloceap.com.br

Curso de Extensão em Neuropsicologia
Início em março de 2002, com encontros bimestrais
Inscrições abertas no Centro de Neuropsicologia Aplicada (RJ)
Informações (21) 2295.3796

Oficina de Aprendizagem/ Oficina Terapêutica
Início em março de 2002
Inscrições abertas na Clínica Maud Mannoni
Informações (51) 3321.1814

Análise Institucional
Curso com início em abril de 2002
Inscrições abertas no Instituto Pichon-Reivière
Informações (51) 3331.7467 ou 3223.0570

O poder transformador da palavra

Maria Cristina Carvalho da Silva
Psicóloga, psicanalista, coordenadora do CAIS Mental 8 (Centro de Atenção Integral em Saúde Mental) da SMS/PoA, conselheira do CRP 07

Suas reflexões nos interrogam acerca dos pressupostos que sustentam... ...as novas práticas assistenciais e o lugar de entrecruzamento da clínica e da política

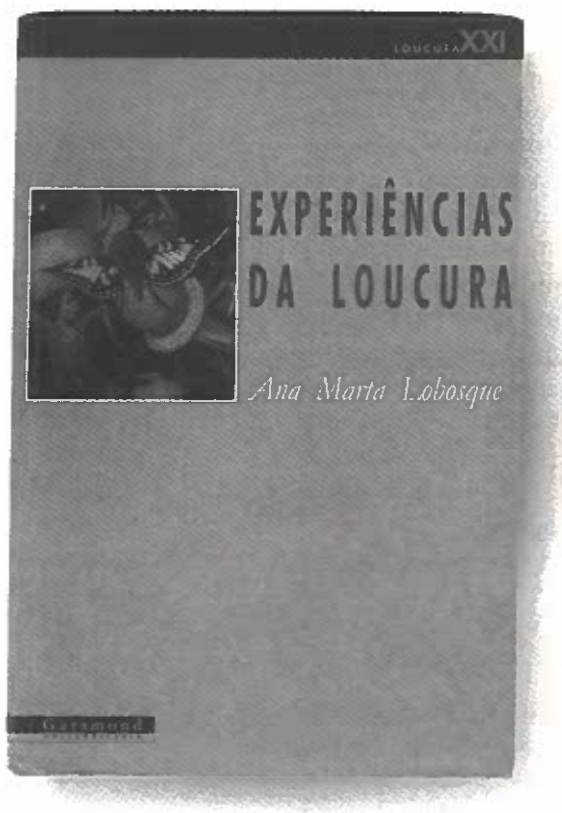
O livro Experiências da Loucura, de Ana Marta Lobosque, é com certeza bem-vindo para todos aqueles que se interessam e acompanham os desdobramentos das políticas de assistência em Saúde Mental no país. Vivemos momentos de intenso debate que culminou na III Conferência Nacional de Saúde Mental, ocorrida em dezembro passado em Brasília. No livro de Ana Marta encontramos elementos que nos permitem articular a prática clínica com as diretrizes e proposições que norteiam a Reforma Psiquiátrica em curso no país, discutidas no âmbito das políticas públicas.

Nestes anos em que a assistência psiquiátrica vem sendo contestada naquilo que comporta de reducionismo do sujeito a uma categoria diagnóstica, até as condições em que os tratamentos ocorriam e, infelizmente, ainda ocorrem, no interior dos manicômios, Ana Marta nos aponta para uma experiência e para as conseqüências teóricas e éticas que estão implicadas na construção de um novo modelo de assistência. Com ousadia, assinala elementos relativos a operações em questão na clínica das psicoses, centrais para que efetivamente os novos espaços de assistência, os NAPS/CAPS, possam se constituir em lugares de tratamento. Alargando, esgaçando a clínica, fazendo-a nos seus limites tocar e fazer borda ao tecido social.

Essa clínica de que nos fala Ana Marta tem como pilares as contribuições da psicanálise, especialmente, a partir da obra de Lacan. A autora não aprofunda alguns dos conceitos que enuncia ou assinala, entretanto não parece ser este seu objetivo, uma vez que o livro reúne artigos produzidos ao longo de uma trajetória de trabalho e reflexão. Escritos que articulam-se em torno das preocupações éticas, teóricas e políticas da autora, uma psicanalista engajada no Fórum Mineiro de Saúde Mental.

Ao problematizar a inclusão X exclusão social, o território da loucura X território da razão e o sofrimento em sua dimensão humana X práticas psiquiatrizantes ou psicologizantes, a autora esboça os pontos de ancoragem e entrelaçamentos que, discernindo os limites das diferentes diciplinas presentes no campo da saúde mental, permitem traçar caminhos e abrir clareiras neste emaranhado de práticas e fazeres que vêm dando lugar ao até então hegemônico modelo hospitalar de assistência em saúde mental.

Mas o livro de Ana Marta não é de uma leitura rápida ou tranqüilizadora. Ao contrário, suas reflexões nos interrogam acerca dos pressupostos que sustentam as novas práticas assistenciais e o lugar de entrecruzamento da clínica e da política. Situar e valorizar, para além da simples ideologia, o poder transformador que a palavra adquire quando tem lugar e dignidade nas práticas assistenciais, eis o grande mérito e pertinência desse livro. Ao inaugurar e dar conseqüência a um debate no campo da saúde mental onde a psicanálise comparece esta publicação, em nosso meio, poderá contribuir no processo de discussão nos desafiando a aprofundar e questionar a pertinência das articulações apresentadas pela autora.



Experiências da Loucura

De Ana Marta Lobosque*
Editora Garamond, Rio de janeiro, 2001.

*** A autora é uma das painelistas convidadas a integrar a programação do II Fórum Social Mundial**